

Proletários de todos os países: Uni-vos!

O Marinheiro Vermelho

Órgão das células do Partido Comunista
Português (s. p. i. c.) na Marinha de Guerra - O. R. A

UNIDADE DE ACÇÃO!

De todas as partes do mundo nos chegam notícias sobre a corrente caudalosa do anti-fascismo que arrasta na sua esteira camadas cada vez mais vastas da população laboriosa de todo o mundo.

No VII Congresso da Internacional Comunista, realizado em Moscovia, Dimitroff, o chefe incontestável do anti-fascismo mundial, disse:

«A unidade de acção do proletariado na escala nacional e internacional, eis a arma potente que tornará a classe operária apta, não só para a sua defesa eficaz, mas também para a contra-offensiva victoriosa contra o fascismo — contra o inimigo de classe».

«A união dos trabalhadores à volta da classe operária, numa vasta Frente popular, levantada contra a ofensiva do Capital e da reacção, contra o fascismo e a ameaça de guerra, em cada país e no mundo inteiro, eis a nossa tarefa imediata mais importante».

São estas as palavras que entram fundo na nossa consciência de marinheiros. São estas as palavras que melhor nos podem levar à prática de uma política justa, e assestar golpes decisivos na cáfila fascista que nos explora e oprime.

Nós, marinheiros da ORA, estamos dispostos a encetar negociações com todos os restantes grupos antifascistas da Armada, na medida em que eles estejam dispostos, leal e eriteriosamente, a discutirem conosco as bases de uma acção comum contra a guerra que se avizinha e contra os seus autores mais encarniçados: — as pandilhas fascistas,

Prevenimos todos os militantes e simpatizantes da ORA para se não deixarem arrastar por falsos boatos que pretendem fazer crer que «tudo está solucionado» e só basta collocarmo-nos debaixo do comando de um chefe qualquer revirabista.

A ORA não é um bando de conspiradores.

De todas as negociações que forem empreendidas dará conta a toda a Marinha de Guerra anti-fascista.

Por uma intensa luta CONTRA A GUERRA E O FASCISMO

O desenrolar dos últimos acontecimentos internacionais, tanto no extremo Oriente como no Mediterrâneo, leva-nos a concluir que a guerra alastrará brevemente, nem só em Africa mas também na Europa e Asia. Mais uma vez a horrível carnificina, a pilha, em desenfreada, se apresenta como o único meio de resolver os negócios capitalistas. Os 12 milhões de homens caídos para sempre na «terra de ninguém», as dezenas de milhões de feridos e gazeados que são o exemplo mais flagrante das «vantagens» dos grandes nacionalismos, os cruzadores e paquetes metidos no fundo com todas as suas guarnições, as cidades incendiadas ou destruidas a tiros de canhão, eis em poucas palavras o panorama de 1914-1918.

Alguns anos são passados e a ameaça para novamente sobre nós e em uma realidade terrível. Os grandes potentados da industria e da finança não ficaram satisfeitos com a obra, a que chamam civilização, e eis que passados poucos anos eles se preparam para repetir as suas façanhas.

Camaradas: é contra esta pandilha de traficantes que vive do sangue dos explorados, que vós deveis desde já preparar a resposta conveniente. É nosso dever, desde já, organizar os camaradas, em todas as unidades. Os camaradas com mais conhecimentos devem esclarecer os mais atrasados, intrinsecando-os directamente na luta de classes. Todos os camaradas devem compreender que a nossa união é uma força poderosa que não encontrará obstáculos invencíveis. Para vos guiar no caminho revolucionário a O.R.A., que caminha na vanguarda dos marinheiros antifascistas, está pronta a dar as mãos a todos os bem intencionados que desejem lutar contra o fascismo, contra a guerra, contra a podridão do sistema capitalista, por um governo verdadeiramente democrático e popular. E quando chegar a guerra, não esqueça-



TOCANDO A REUNIR **Erros que não devem repetir-se**

Depois duma orgão de interrupção, estranha à nossa vontade, volta a reanunciar o «Marinheiro Vermelho».

Escusado será afirmar que é uma necessidade imperiosa, o mantermos o nosso órgão de classe, o porta-voz das nossas reivindicações.

É imensamente trabalhosa a missão que pretendemos cumprir. Mas como os verdadeiros idealistas não conhecem desânimos, e como contamos com o apoio sincero de todos os camaradas, vamos prosseguir nessa luta sem quartel, contra os inimigos e exploradores do Povo e dos marinheiros: Salazar e o seu bando.

A burguesia vê que se aproxima a passos gigantes a sua derrocada. Sente que está presentes a terminar a preponderância despotica que exerce sobre os oprimidos, e por isso lançando mão dos mais bárbaros meios, procura deter o formidável avanço das «hostes proletárias». Serão baldados os seus esforços, será inútil a sua resistência. A hora da sua agonia chegou.

É no entanto preciso que todos reconheçam, que até ao momento em que a burguesia dê o último suspiro, ela pretenderá arrastar na sua queda o maior número possível de vítimas. É pois necessário que se apresse a sua queda, que se trabalhe para a sua breve derrota.

Por isso, o «Marinheiro Vermelho», ao recomençar a sua publicação apela para a união de todos os marinheiros em volta da mesma bandeira, pede a todos, cada um dentro da sua esfera de acção, para que se batam galhardamente pelo triunfo da luta antifascista, sob a bandeira do Partido Comunista. E se todos assim fizermos não virá longe o dia, em que possamos gritar alto e em bom som: — Os proletários são livres! O poder pertence-lhes!

É preciso que nós, os marinheiros que fazemos parte da força armada, reconheçamos que viemos das «camadas baixas» que somos filhos do povo e que, por isso, para esse povo, nunca levantaremos as nossas armas. Que nunca o nosso alcache se manche com o sangue daqueles de quem somos filhos.

Camaradas: lêde e propagai o «Marinheiro Vermelho», organizai as células comunistas de bordo, trabalhai para a emancipação dos oprimidos, e vereis do nosso esforço surgir radiante o esmagamento do fascismo e a vitória do poder soviético.

Petrof

mos a palavra de ordem do grande organizador do Outubro mundial — Lênine — : transformar a guerra imperialista em guerra civil, pelo derrubamento do capitalismo e dos seus agentes funestos, e pela vitória da causa dos explorados e oprimidos de todo o país.

Secretariado da O.R.A.

Camaradas. Depois de algum tempo de suspensão, o «Marinheiro Vermelho» o jornal querido dos marinheiros antifascistas, volta a publicar-se.

Nem mesmo de outra maneira poderia ser, visto que não devemos deixar a meio caminho, a missão que nos propusémos levar a cabo. Além disso esta comprovada a necessidade dum jornal regular que leve ao conhecimento de todos, as injustiças e patifarias de que somos vítimas, e ao mesmo tempo encorajar os nossos camaradas a lutarem pelas reivindicações a que temos direito, contra os carrascos e exploradores que tentam agrido-nos.

Porém um problema se nos apresenta que deve ser resolvido e posto em prática com a máxima cautela e decisão. Trata-se da criação e trabalho das células, nas diferentes unidades. Como sabeis camaradas, as nossas deficiências nesta questão, foram a causa que originou a prisão de alguns camaradas. A lição foi dura, mas não deixou de ser proveitosa. O péssimo defeito de alguns camaradas, gostarem de conhecer outros camaradas, sem que para isso haja necessidade, é um crime. É uma curiosidade que deve ser olhada com reserva. Também havia camaradas que tinham a seu cargo trabalhos que os obrigava a destacarem-se perigosamente. No futuro seguiremos outros caminhos. Todos devem ter presentes as suas possibilidades. Nada de curiosidades. Ajudar o trabalho dos camaradas, não consentir que qualquer camarada se destaque em propaganda. Os chamados bufos e bajuladores devem ser postos à margem dos bem intencionados, e seguindo uma criteriosa e racional propaganda, progrediremos ao abrigo de qualquer ataque que a bufaria intente contra nós. Sem desfalecimentos, a caminho.

A' Luta, marinheiros antifascistas!

A nossa Marinha é das mais arrojadas e disso tem dado provas em todos os tempos. Pena tenho que só por bandidos tenha sido governada! Será possível que ela continue assim por mais tempo, com Mesquita de Guimarães e outros bandidos da sua laia a chellar em uma corporação que através os tempos sempre deu provas de heroísmo? Não. Não acredito, porque os marinheiros sempre oprimidos e perseguidos, e agora mais que nunca, lutaram pela sua liberdade e pelo pão dos seus.

A atrocidade em que vivemos é insuportável; os bandidos dos oficiais da Comissão de Compras fizeram um desfalque duma avultada

Continua na 4.ª página



A mais bela marinha do mundo

A Marinha Soviética, arma dos povos da U.R.S.S.

A guerra de rapina, promovida por Mussolini, já tingiu de sangue o solo vasto da Abissínia. Cruzam-se os fogos e a terra junta-se de cadáveres. A «civilização» fascista é escrita com a ponta das baionetas, molhada no sangue rubro dos trabalhadores. A Guerra — último recurso dos bandoleiros fascistas de todos os países, — aí está, em toda a sua crueza, a provar mais uma vez aos menos crédulos, de que só o proletariado, à frente de todas as restantes camadas laboriosas, poderá realizar a verdadeira e única obra capaz de assegurar uma paz, não pôdre, como a de Genebra, mas duradoura como as dos povos da URSS.

Já se toldam mais os horizontes, e novas carnificinas se avizinham. O capitalismo mundial, pôdre até aos alicerces, já não comporta a sua existência num ambiente de paz. É uma podridão que mata, uma podridão que provoca labaredas como a dos fogos-fáctos.

Se até agora não estalaram mais agúdos conflitos, se alguns estados são obrigados a manterem-se quietos, embora rangendo os dentes, isso significa, em primeiro lugar, que a URSS tem pesado muito na balança da paz, e em segundo lugar que os trabalhadores de todos os países estão vigilantes e dispostos a varrer definitivamente o espectro da guerra, da face do mundo.

A cobiça e o ódio fascista, contra a União Soviética, aumentam, porém, dia a dia. A cidadela livre dos trabalhadores de todo o mundo já não é somente um facto empolgante, mas também, e sobretudo, um exemplo bem marcado do caminho que a História nos aponta para o inteiro desenvolvimento das forças da Paz e da Civilização.

A Revolução proletária fez coisas a seu modo e a fundo. Conquistando o poder colocou-o em condições de poder responder aos possíveis atentados da burguesia. Para isso criou o Exército e a Marinha, vermelhos. Os melhores filhos dos operários e camponeses vigiam, e em cada minuto que passa, as lufadas turvas que lhe chegam do mundo capitalista.

Ao mesmo tempo que surgem, como que por maravilha, novas cidades e fábricas gigantes, ao mesmo tempo que a população imensa de toda a URSS se debruça, atenta, no estudo das ciências, das artes e da Civilização, as mesmas mãos calosas e construtoras são obrigadas a desviar uma parte do seu bem estar para o apetrechamento técnico do seu Exército e da sua Marinha.

A URSS não quer a guerra nem cobiça territórios alheios. O exemplo mais frizante está na

constituição da sua marinha. Ela é feita para defender e não para atacar. As suas unidades, em vez de monstros de conquista, e constituída antes por rápidas e eficazes embarcações de defesa costeira.

Quando falamos da URSS não devia nos, até, empregar o termo de «Exército» para designar o conjunto de braços armados que a defendem, mas sim o de Milícia Vermelha. Exército é a expressão que serve para designar a força armada das classes dominantes no mundo capitalista. Foram elas quem criaram o Exército. O proletariado, na Rússia, destruiu o velho exército tsarista e criou uma nova corporação armada, a que vulgarmente chamamos o Exército e a Marinha, vermelhos, diferindo totalmente das organizações militares do mundo capitalista.

Aqui, exército significa miséria, opróbio e servidão. Na URSS significa o ascenso às filas mais destadadas da pátria dos trabalhadores, o arcar com a responsabilidade mais digna e mais dedicada de quantas podem existir: prontidão e vigilância na defesa das conquistas da Revolução.

A URSS é uma sociedade de nações, como já o disse Litvinof, numa sessão da SN. Nem fascismo nem guerra serão possíveis entre esses estados proletários, pois ali não existem, nem mercadejadores de canhões nem traficantes de sangue e de miséria dos que trabalham.

A bandeira da Marinha Vermelha é rajada de vermelho, com uma estrela no centro. Essa estrela simbólica tem, para nós, marinheiros, uma força atractiva que cada vez mais nos prende à luta revolucionária do proletariado português.

A estrela que essa estrela já traçou no firmamento da Revolução rebrilha a todo o momento e alarga-se diariamente. Comuna de Paris, Revolução Spartaquista, Comuna da Hungria, 1917, os Soviets da China, Outubro espanhol, e tantíssimas outras Revoluções são pontos luminosos que marcam na história revolucionária os feitos gloriosos dos que se tem batido pela Paz, pelo Pão e pela Liberdade.

Nós, marinheiros portugueses, não esqueceremos o passado e não descuidaremos o futuro. Defenderemos a URSS, herço da Revolução triunfante e nossa verdadeira pátria.

E a pátria que aqui nos apresentam, a pátria dos salazares opressores do povo e inquisidores dos nossos mais queridos camaradas, essa será varrida da história para dar lugar à que conquistarmos por nossas mãos.

Nós,

Somos das fileiras da classe operária. Fomos escolhidos a dedo pela burguesia, para defender os seus cofres fortes e para esmagar a luta em ancipadora da cia se operária — a classe a que, afinal, pertencemos.

Mas a burguesia, a'ém da tarefa vil que nos pretende impôr, nada mais nos dá do que tirania, exploração e opróbio.

Oficia s que nos espésinham, uma Policia política que rouba os nossos camaradas mais queridos e um governo fascista que reduz à fome, a miséria e ao terr r mais disenfreado a população inteira de um país.

Camaradas de alcache!

Não foi por tanta baixesa que se bateram milhares de marinheiros, nossos antepassados. Não foi por êste governo católico-fascista que correu tanto sangue revolucionário desde 5 de Outubro para cá!

A ORA é a vossa organização. Sem ela nada seriam os.

Para vencer, não basta expôr peitos heróicos às balas dos inimigos. E' preciso organização, consciência de classe, e certeza dos fins a atingir.

Ingressai, portanto, na ORA! Auxiliai-a!

Nem mais uma prisão!

Somos comunistas e, como tal, torna-se indispensavel que aprendamos à luz dos nossos próprios êrros.

Formamos um campo revolucionário activo: não admitiremos mais que os esbirros de Salazar entrem impunemente dentro da nossa corpo ração e roubem ao nosso convívio os mais queridos e prestigiosos membros da Armada, para depois os espancarem barbaramente e os sujeitem aos piores vexames!

Lembremo-nos dos corações maguados das famílias e dos nossos amigos que se encontram a ferros do «Estado-Novos»!

E' preciso não consentirmos que tais factos se repitam, não permitindo mais uma única prisão de qualquer marinheiro anti-fascista, opondo uma forte barreira à matilha dos esbirros do jesuita Salazar.

Organizemo's, pois, uma frente anti-fascista de luta contra o terror policial de Salazar.

A' luta pela libertação dos nossos camaradas prêsos!

Nem mais uma prisão de marinheiros anti-fascistas!

Utilizemos os canhões na defeza de todos humilhados e explorados pela infame bur-

A suspensão da ração a dinheiro

Camaradas, é chegada a ocasião de pôr termo a esta miséria atroz que alguns camaradas nossos vão atravessando com as suas respectivas famílias. Sim, camaradas, porque não estareis livres da, amanhã, constituirdes família e passardes-a viver pior que alguns que já a têm. Portanto, que será preciso fazer camaradas? Acima de tudo — união. Sem est, nada se consegue.

Fiz-ram esta última organização porque (dizem alguns dêsses beneméritos e filantropos) «uma percentagem n dos tuberculo os da Armada se devia às praças que tinham a ração a dinheiro e a gastavam sem ser com a sua alimentação».

Pregunto-eu: E agora, com esta organização com que dinheiro se alimentam as praças que vão de licença de sexta-feira a segunda-feira (licenças chamadas desabonadas)? São estas as providências que se dão em prol dos tuberculosos?

Para que exigem êles que se dê conhecimento de que nos vamos casar, ou que as nossas esposas já deram à luz algum filho se, afinal, depois dê-se conhecimento difficil, jamais se olha para essa família? Sim, o que fazem é escarnecer dos nossos magrs vencimentos e para isso substituiram-nos uns vencimentos que podem à margem da «lei» reduzir-lhes a importância da ração, como se a ração e o restante não constituíssem um já magro vencimento!

Camaradas! Se amanhã entrardes nalgum movimento não largueis as armas sem que vós saibais que vai haver uma reforma completa de tôdas estas opressões e não façais como faziam antigamente aquêles marinheiros da velha guarda que, desinteressadamente, fizeram a «República» e puz-ram no poleiro alguns canalias que nos deram por herança: — uma Comissão de ladrões de que há bem pouco um se suicidou, uma «Caldeira» repugnante e uma Fazenda Nacional que rouba escandalosamente todo aquêles que assenta praça.

Só com fé no futuro, união, e entendimento com os camaradas, é que se pode chegar á nossa libertação de tudo isto.

À CADA MARINHEIRO ANTI-FASCISTA!

(Continuado da 2ª página.)

quantia. Como encobrir êsse roubo? Ora! encobre-se roubando os marinheiros que teem a ração a dinheiro dessa forma, já se arranjam mais uns çobres, não importando com a miséria que alastra no lar dos mesmos. Camaradas! Já é tempo da tirania acabar, mais os crimes! O caderno da justiça já tem fôlhas suplementares! Já é tempo de soar o Clarim que nós há-de levar à victória. Avante pela ORA!